



# Memória fonológica de falantes de português brasileiro como língua de herança

## Phonological memory of Brazilian Portuguese heritage speakers

*Aline Alves Fonseca\**

*Denise Barros Weiss\*\**

*Máira Candian de Paula Dutra\*\*\**

**RESUMO:** O foco desta pesquisa é a análise de um aspecto fonológico da aprendizagem de Português como Língua de Herança (PLH) na variedade brasileira. O objetivo geral é verificar se um falante de língua de herança, ao aprender a língua depois de adulto, mobiliza traços fonéticos/fonológicos recuperados da variante a que foi exposto na primeira infância. Apoiamo-nos em Cummins (1983), empregando seu conceito de Língua de Herança em Doi (2006), Flores e Melo-Pfeifer (2014) e Spinassé (2006), abordando e diferenciando os conceitos de língua materna, segunda língua e língua estrangeira; e em Miranda (2012), que fez uma análise acústico-comparativa das vogais do português brasileiro com as do inglês norte-americano. Os dados foram obtidos através de um protocolo de investigação composto por questionários e entrevistas aplicados a falantes de português brasileiro como língua de herança que se encaixam na seguinte situação: filhos de pai ou mãe brasileiros que aprenderam a língua portuguesa na infância em um ambiente de não imersão. Os dados demonstram que a variação dialetal dos participantes é compatível

**ABSTRACT:** The primary concern of this research is to investigate a phonological feature in Portuguese as Heritage Language (PHL) learning, in Brazilian variety. The focus of this study will be on examining whether a heritage speaker, when learning the language in a mature age, pronounces phonetic/phonological traits recovering them from the language variety which he/she was exposed to in the early childhood. We founded this research in Cummings (1983) deploying his Heritage Language concept; Doi (2006), Flores & Melo-Pfeifer (2014), and Spinassé (2006) in order to approach and distinguish Mother Tongue, Second Language, and Foreign Language concepts; also Miranda (2012) who performed an acoustic analysis comparing Brazilian Portuguese and American English vowels. The data were collected through online forms and interviews applied to Portuguese Heritage Speakers speakers who fit in these backgrounds: Brazilian's grown children who were born abroad and had learned Portuguese in early childhood, in a non-immersion environment. The found data reveal the speakers dialectal variation is consistent to the one they

\* Doutora, UFJF.

\*\* Doutora, UFJF.

\*\*\* Graduanda, UFJF.

---

com as variedades a que eles foram expostos na primeira infância e diferente da variedade utilizada pelos professores com os quais tiveram instrução formal no português. Os detalhes fonéticos presentes na fala dos participantes apoiam nossa hipótese de que há uma memória processual fonético-fonológica atuante, que foi adquirida na primeira infância.

**PALAVRAS-CHAVE:** Português como Língua Estrangeira (PLE). Língua de Herança. Fonética/Fonologia. Memória.

were exposed to in early childhood, and also is distinct from the one used by their professors whom they had formal instruction. These phonetic/phonological features performed in the speaker's production support our thesis: there is a phonetic/phonological procedural memory acting acquired in early childhood.

**KEYWORDS:** Portuguese as Heritage Language (PHL). Portuguese as Foreign Language (PFL). Heritage Language (HL). Phonetic/Phonology. Memory.

---

## 1. Introdução

O presente trabalho se propõe a analisar um aspecto fonético-fonológico da aprendizagem de Português como Língua de Herança (doravante PLH) na variedade brasileira. O objetivo geral é verificar se um falante de língua de herança, ao aprender a língua depois de adulto, mobiliza traços fonético-fonológicos recuperados da variedade a que foi exposto na primeira infância.

Observou-se empiricamente que aprendizes de Português Brasileiro (PB) e que são falantes de herança do português desenvolvem as habilidades de fala e de escuta mais rapidamente do que seus pares de mesma nacionalidade que não têm o português como LH. Após ter sido detectado o uso progressivamente mais evidente, por pelo menos uma aluna, de uma variedade fonética do PB diferente daquela a que ela foi exposta na região da Zona da Mata Mineira (ver mais em WEISS (2017)), chegou-se à seguinte hipótese norteadora desta pesquisa: esses traços de fala vêm da primeira infância, como efeito de memória processual. Neste artigo debruçamo-nos, especificamente, sobre os aspectos fonéticos da qualidade das vogais produzidas nas posições acentuais e não acentuais, da produção de ditongos nasais e orais e dos

processos de palatalização de consoantes, uma vez que tais variações são representativas de diferentes variedades do português praticado no Brasil.

Memória processual (ou procedural) é “um tipo de memória não declarativa cuja evocação se dá por meio do desempenho em vez da lembrança ou do reconhecimento conscientes” (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011). Ela “armazena dados obtidos a partir da aquisição de habilidades por meio da repetição de uma atividade que segue um mesmo padrão. A persistência das memórias procedurais é muito grande (décadas)” (IZQUIERDO et al, 2013). Entre as atividades exercidas pela memória processual, estão todas as que se pratica sem qualquer consciência do movimento necessário para tanto: ela funciona implicitamente. Um exemplo tradicional, já do senso comum, é a habilidade de andar de bicicleta. No caso aqui em apreço, está em jogo a habilidade fisiológica de pronúncia de sons da língua.

Os dados que servem de base para este estudo foram obtidos por intermédio de um protocolo de investigação composto por um questionário com perguntas sobre a origem e a relação que as participantes desenvolveram com o português brasileiro e de uma entrevista na qual elas foram estimuladas a pronunciarem palavras, frases e expressões, em português, previamente determinadas pelas pesquisadoras. As participantes são falantes norte-americanas que se encaixam no seguinte perfil: são filhas de pai ou mãe brasileiros e aprenderam a língua portuguesa na infância, em um ambiente de não imersão. Portanto, possuem o PB como língua de herança. A análise acústica dos dados baseia-se nos trabalhos realizados por Barbosa e Madureira (2015) e na análise acústico-comparativa das vogais do português brasileiro com as do inglês norte-americano realizada por Miranda (2012).

Pretende-se investigar as características fonético-fonológicas da produção de fala semiespontânea das falantes de PLH e compará-las às características das variedades de seus pais de origem brasileira e de seus professores de português na

instrução formal. Os resultados encontrados apontam para a ativação da memória processual fonética, adquirida no contato com o português na primeira infância, nos falares das participantes norte-americanas.

Para este estudo, é relevante apresentar e diferenciar os conceitos de língua materna, segunda língua, língua estrangeira apresentados em Doi, 2006; Flores e Melo-Pfeifer, 2014; e Spinassé 2006; bem como o de língua de herança, que encontramos em Cummins (1983); Souza e Barradas (2013); além de tentar elucidar o conceito de falante nativo. Empregamos também o conceito de memória processual advindo da neurologia (IZQUIERDO, 2011, 2013).

## 2. Pressupostos teóricos

Antes de tratarmos do fenômeno investigado especificamente nesta pesquisa, mostra-se significativo observar os conceitos de língua materna (doravante LM), segunda língua (doravante L2) e língua estrangeira (doravante LE), pois são termos que, frequentemente, geram equívocos pela abrangência de sentidos parecidos e pela presença no mesmo âmbito de pesquisa. Além disso, no nosso caso, a compreensão do que vem a ser a língua de herança é fundamental para pensarmos até mesmo as implicações possíveis desta pesquisa. Por termos em mente que muitos aspectos linguísticos, sociais e culturais influenciam na definição dos conceitos acima, e que esses não são pacíficos na literatura, procuramos tratá-los neste artigo principalmente pelo viés da sociolinguística, subárea da Linguística que estuda a língua no seu uso real, bem como as relações entre linguagem e aspectos sociais e culturais de produção, além de estudar as características linguísticas e sociais das variações linguísticas (RIBEIRO; GARCEZ, 2002).

Apresentaremos, também, os conceitos e características do termo memória processual, além de uma breve explanação sobre variações dialetais fonético-fonológicas que utilizamos neste trabalho.

## 2.1 O falante nativo – língua materna

Compreender a expressão “falante nativo” está longe de ser simples. Diferentes parâmetros são levados em consideração para a formulação do conceito: biológicos, linguísticos, sociais e geográficos.

Em Lin e Luk (2007), foi feita uma discussão com base em um apanhado de conceitos. Vejamos como alguns teóricos definem tal termo. Para Pennycook (1994 apud LIN; LUK 2007, p. 21), o falante nativo é “aquela pessoa idealizada com uma competência inata e completa em determinada língua”; Davies (2003 apud LIN; LUK 2007, p. 22) afirmou que falantes nativos “são modelos que nos agradam pela ‘verdade’ sobre a língua, eles sabem o que é a língua e o que não é a língua”. Conforme Lin e Luk (2007, p. 22) observaram, dentro dessas duas visões, há “o consenso que todo mundo é falante nativo de alguma língua, em outras palavras, falante nativo da sua própria LM”.

Entretanto, há quem problematize esse conceito que vai além do âmbito linguístico, geográfico, político e social. Rampton (1990 apud LIN; LUK 2007, p. 22) pontuou dois problemas com os conceitos de língua materna e de falante nativo:

Eles, erroneamente, realçam o aspecto biológico em detrimento do social, o que é refletido através de referências constantes à etnia e à nacionalidade, quando discorrem sobre falantes nativos e suas línguas maternas. Eles misturam os conceitos de língua como um instrumento de comunicação e língua como um símbolo de identificação social. Esse conceito tem repercussões em diferentes situações da vida prática, como quando, no recrutamento de professores estrangeiros, isto se traduz por “quem é você” ao invés de “o que você sabe”.<sup>1</sup>

Davies (2003 apud LIN; LUK 2007, p. 22) declarou que o falante nativo traz consigo a tradição, como se ele fosse o depósito da língua, aquele do qual se espera o total domínio

---

<sup>1</sup> Tradução realizada pelas autoras do original “They spuriously emphasize the biological at the expense of the social. This is reflected through constant reference to ethnicity and nationality when talking about native speakers and their mother tongues. They mix up language as an instrument of communication with language as a symbol of social identification. In the recruitment of teachers, this has been translated into “who you are” instead of “what you know” (Lin; Luk, 2007, p. 22).

acerca do idioma nos discursos proferidos e que possui um *feeling* intuitivo ao se tratar de outro falante nativo, baseado na suposição dos conhecimentos culturais compartilhados. O autor distingue falantes nativos de falantes de L2 baseado em seis características: (a) a idade de aquisição; (b) as intuições no julgamento gramatical de idioleto; (c) as intuições no julgamento gramatical da língua de um grupo; (d) a capacidade única de estabelecer pausa na divisão de orações; orações, (e) a capacidade única de escrever criativamente; e de (f) a interpretação e a tradução na sua língua materna. Segundo Lin e Luk (2007), Davies propôs o discernimento do conceito de falante nativo com base em duas perspectivas: o “tipo ideal” e o “tipo carne e osso”. O tipo ideal representa a definição mítica de falante nativo como “produtos livres de erros do Éden linguístico homogêneo”. Já o tipo carne e osso de falante nativo pode ser entendido por meio de cinco critérios: 1) falante nativo de nascimento ou por exposição à língua na primeira-infância; 2) similar ao falante nativo por ser um aprendiz excepcional; 3) falante nativo usando a língua-alvo como a língua meio de aprendizado (caso da língua franca); 4) falante nativo em virtude de ser um usuário nativo da língua (caso de pós-colonialismo); e 5) falante nativo pelo fato de viver por um longo tempo no país da língua.

Lin e Luk (idem) enfatizam que o conceito de falante nativo é socio-historicamente construído, em vez de ser uma identidade e uma habilidade preestabelecidas, da mesma forma que a língua é coconstruída de forma sociocultural e sócio-histórica por aqueles que, de fato, a usam repetidamente para a comunicação legítima. As autoras ainda pontuam:

A distinção entre ser nativo e não nativo tradicionalmente depende do grau de maestria na língua. Como na noção avançada de Noam Chomsky, o falante nativo é autoridade na língua e é o informante ideal ao fornecer julgamentos gramaticais da língua (Lin; Luk, 2007, p. 30)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Tradução realizada pelas autoras do original: “The distinction between native and nonnative traditionally hinges on the degree of mastery of a language code. As a notion advanced by Noam Chomsky, the native speaker is the authority on the language and he or she is the ideal informant providing grammatically judgments on the languages” (Lin; Luk, 2007, p. 30).

## 2.2 O falante de mais de uma língua – segunda língua (L2), língua estrangeira (LE), língua adicional (LA)

Se, para um falante monolíngue, a língua materna é o único idioma adquirido na primeira infância, quando se analisa a linguagem de alguém que nasce em um lar ou comunidade bilíngue a situação se complica, pois envolve aspectos culturais e valores pessoais e sociais do sujeito como conhecedor do mundo. A LM é a língua adquirida dentro de um processo de socialização pela necessidade de comunicação, conforme Spinassé (2006) demonstra:

A Língua Materna caracteriza, geralmente, a origem e é usada, na maioria das vezes, no dia-a-dia. A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tampouco se trata de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos linguísticos e não linguísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilinguismo) (SPINASSÉ, 2006, p. 4-5).

A segunda língua (L2) se distingue da materna como sendo o idioma aprendido já passada a fase em que houve a aquisição da LM. É uma língua que pode ter, também, um papel social e institucional na comunidade do falante. De acordo com Spinassé (2006):

A aquisição de uma Segunda Língua (L2 ou SL), por sua vez, se dá, quando o indivíduo já domina em parte ou totalmente a(s) sua(s) L1, ou seja, quando ele já está em um estágio avançado da aquisição de sua Língua Materna. (...). É sabido que uma segunda língua não é necessariamente uma segunda, no sentido de que haverá uma terceira, uma quarta, e assim por diante. “Segunda” está para “outra que não a primeira (a materna)”, e a ordem de aquisição se torna irrelevante – desde que não se trate de mais uma L1 (SPINASSÉ, 2006, p. 5).



Os conceitos de segunda língua e de língua estrangeira são muito próximos e não têm uma conceituação unânime. A língua estrangeira é frequentemente descrita como aquela com a qual o falante entra em contato pelo aprendizado formal, salvo em casos de aprendizado em imersão; a LE não desempenha papel de integração e socialização. Assim, não é uma língua usada cotidianamente, mas tem finalidades mais limitadas e específicas. A diferenciação toma como base os conceitos de aquisição para LM e L2 e aprendizado para LE. Krashen (1982) assim os diferencia:

Aquisição é um processo subconsciente de construção criativa usado por crianças e adultos ao adquirirem a primeira e segunda línguas. A aquisição é natural e por isso muito se assemelha à maneira pela qual a criança adquire a primeira língua, enfatizando-se a necessidade de comunicação e não a forma linguística. A aprendizagem de uma língua, por outro lado, é um processo consciente através do qual regras são assimiladas e observadas (KRASHEN, 1982, p. 10)<sup>3</sup>.

Em Paiva (2013), a autora distingue os dois processos como consciente (quando se trata de LE) e inconsciente (quando se trata de LM e L2).

Um conceito empregado mais modernamente é o de língua adicional. Criado para se contrapor ao de língua estrangeira, a noção de língua adicional “ênfatisa o acréscimo de uma língua a outras que o educando já possui em seu repertório, levando em conta os diversos contextos em que pode ser usada.” (SCHLATTER; GARCEZ, 2009, p. 127-128).

Nesta seção, apresentamos brevemente os conceitos de língua materna, língua estrangeira, segunda língua e língua adicional. Apresentaremos, na próxima seção, o conceito de língua de herança.

---

<sup>3</sup> Tradução realizada por Weiss (2007) do original: “Language acquisition is a subconscious process; language acquirers are not usually aware of the fact that they are acquiring language, but are only aware of the fact that they are using the language for communication. We will use the term “learning” henceforth to refer to conscious knowledge of a second language, knowing the rules, being aware of them, and being able to talk about them.”



### 2.3 Língua de Herança

A língua de herança (doravante LH) é um conceito-chave deste artigo. Descrito primeiramente por Cummins (1983), o conceito de língua de herança remete à língua que o sujeito recebe de sua família – justamente como uma herança. O contato estabelecido com a língua considerada de herança costuma dar-se de forma natural, na interação com o membro da família falante da língua e geralmente na primeira infância do indivíduo. Caracteriza-se como uma forma de bilinguismo, embora o falante esteja inserido em uma comunidade onde aquela língua não é falada. Doi (2006) traz a diferença entre LM e LH:

Tanto a Língua Materna (LM) quanto a Língua de Herança (LH) podem ser tomadas como primeira língua dos falantes que as adquiriram no seio da família. A diferença que se estabelece entre elas está no estatuto que cada uma tem dentro da sociedade. A primeira língua adquirida em família pode ser caracterizada como LM quando é a língua oficial da sociedade majoritária, enquanto a LH se caracteriza pelo uso limitado ao grupo minoritário, conforme Nakajima (2004). A LH apresenta os seguintes traços: é uma língua minoritária, usada em esferas restritas, predominantemente como língua oral e coloquial. (DOI, 2006, p. 68)

Dessa forma, em concordância com Flores e Melo-Pfeifer (2014) e Souza e Barradas (2013), usaremos LH para nos referirmos a essa língua, da qual seus falantes “podem apresentar níveis de proficiência diversos e cujas experiências de aquisição/aprendizado e de contato são bastante variadas.” (FLORES; MELO-PFEIFER, 2014, p. 18), sendo ela “transmitida (formal e/ou informalmente) por pais emigrantes (que a têm como língua materna) aos seus filhos que crescem no exterior” (SOUZA; BARRADAS, 2013).

Observa-se que a língua de herança pode ter estatutos bastante diferentes conforme sua relação com a língua de entorno/língua majoritária: uma vez que não seja considerada língua de prestígio na sociedade em que o falante esteja inserido, a

aprendizagem terá mais chances de não ser mantida ao longo da infância e da adolescência. Caso contrário, se o país do falante valoriza sua LH, muitas vezes a aprendizagem e o ensino serão estimulados dentro e fora de casa. Lin e Luk (2007) explicam que as línguas do mundo são muitas vezes hierarquizadas. Assim, segundo eles, ser um falante nativo de certa língua pode impedi-lo de desfrutar de determinados privilégios e status que tem um falante nativo de outra língua. O falante pode, portanto, conforme a situação, ostentar sua LH a fim de se diferenciar na comunidade ou, ao contrário, esquecê-la com o intuito de se misturar na cultura em que está inserido.

Línguas de herança, por serem consideradas de minoria e/ou de menor prestígio, têm seu uso e aprendizado restringidos, de forma que seus aprendizes podem não encontrar meios formais de aprendizado fora do contexto familiar. O uso fica restrito a situações informais e de competência oral, geralmente dentro do ambiente familiar, e isso tem repercussões no vocabulário e nas estruturas gramaticais disponíveis para esse falante. Segundo Doi (2006):

A LH apresenta os seguintes traços: é uma língua minoritária, usada em esferas restritas, predominantemente, como língua oral e coloquial. Além disso, os falantes dessa língua, principalmente os descendentes, não apresentam equilíbrio na competência linguística, e a aprendizagem dessa língua é geralmente imposta pelos pais. (DOI, 2006, p. 68)

Desse modo, em cenários onde a taxa de imigração é alta e a LH tem muitos falantes e/ou aprendizes, fazem-se necessárias escolas bilíngues, nas quais se ensinam a língua majoritária – língua oficial do país – e a língua minoritária – língua dos imigrantes. Além do mais, o ensino de LH se justifica por ser vantajoso academicamente “como um meio de aumentar a coesão e comunicação infanto-juvenil com famílias minoritárias e como um meio de expandir os horizontes culturais e

sociais de todos os alunos”, segundo Cummins (1983). Desse modo, tem que haver nos pais “este entendimento sobre a relevância de transmitir a língua e cultura aos seus filhos, como forma de manter vivas suas origens” (LICO, 2011 sp).

A respeito especificamente da situação de LH de brasileiros no exterior, a autora afirma que

[...] há uma consciência mais clara e premente da importância de manter vivos no seio de suas famílias os vínculos com as origens e cultura brasileiras. Essa consciência, manifestada pelo desejo de que os filhos criem ou mantenham vínculos afetivos com os familiares residentes no Brasil e pela necessidade de que haja entendimento entre as partes e bom trânsito no ambiente social quando visitam o País, tem motivado mais e mais famílias a procurar maneiras de proporcionar o aprendizado da língua portuguesa e da riqueza da cultura brasileira a seus descendentes (LICO, 2011 sp).

Em vista disso, conclui-se que é extremamente necessário o ensino formal de LH – no caso do português como LH –, principalmente em casos de crianças nascidas já em outros países ou que se mudaram muito novas, motivo pelo qual não terão contato além do âmbito familiar com a língua portuguesa como terão com a língua materna ou a língua na qual serão alfabetizadas. O básico e primordial do ensino de PLH, além da cultura brasileira, é promover a melhoria da capacidade do aprendiz de usar a língua para expressar-se (oralmente ou por escrito) em contextos mais abrangentes.

Neste capítulo, fizemos uma apresentação dos conceitos e das condições de existência da língua de herança, focando em situações de aprendizagem. Na próxima seção, apresentaremos o conceito de memória processual empregado nesta pesquisa.

## 2.4 Memória

Memória processual (ou procedural), também chamada de memória de procedimentos e hábitos (IZQUIERDO et al, 2013) e de memória de condicionamento

clássico e habilidades (OLIVEIRA; LEITE; SILVA, 2013), é um tipo de memória não declarativa, uma vez que o indivíduo não sabe conscientemente de onde vem essa capacidade e que o seu armazenamento se dá através de repetições padronizadas de uma atividade com a aquisição de habilidades cuja evocação ocorre por meio do desempenho e não pela lembrança ou pelo reconhecimento conscientes (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011). Segundo Izquierdo e colegas (2013), a permanência desses dados obtidos é longa: ela se mantém por décadas.

Dessa forma, relacionamos o que chamamos aqui de memória fonético-fonológica à memória processual, que é “adquirida e evocada de maneira mais ou menos automática” (IZQUIERDO et al, 2013). Um exemplo dessa memória é a atividade de andar de bicicleta, que diz respeito também à memória processual, assim como a habilidade fisiológica de produzir os sons de uma língua. De acordo com Oliveira, Leite e Silva (2013),

Na memória de condicionamento clássico e habilidades há um aprendizado, no qual um estímulo pode ser combinado com outro para gerar habilidades aprendidas mecanicamente e jamais esquecidas, como andar de bicicleta e dirigir. A esse fenômeno dá-se o nome de memória procedural, cujo princípio se baseia na aquisição e armazenamento de um procedimento mecânico (OLIVEIRA; LEITE; SILVA, 2013, p. 22).

Izquierdo (2011) afirma que as memórias processuais (assim como outros tipos de memórias de longa duração) podem ser evocadas por fragmentos ou “dicas”, como: partes de uma imagem, início de uma canção, gestos, odores e sons. Esse tipo de evocação por dicas ou fragmentos é chamado de *priming*. No caso das línguas de herança, a ativação de gestos fonéticos, de contornos entoacionais e até mesmo de determinadas palavras do léxico pode se dar através de *priming*, uma vez que a produção dessas características particulares da LH aumenta em contextos menos formais e mais afetivos.

## 2.5 Variações dialetais fonético-fonológicas

No presente trabalho, investigamos aspectos gerais e particulares da fonética e fonologia do português brasileiro e de suas possíveis variações dialetais regionais. Focalizamos nossa atenção na qualidade das vogais produzidas nas posições acentuais e não acentuais, na produção de ditongos nasais e orais e nos processos de palatalização de consoantes.

O sistema vocálico do português brasileiro sofre grande variação com base na posição da vogal dentro da estrutura acentual da palavra. Temos uma pauta vocálica completa e estável na posição tônica, formada por sete vogais; uma pauta variável e instável na posição pretônica; e uma pauta reduzida, menos variável e menos instável na posição postônica, formada, predominantemente, por três vogais. Oliveira e Lee (2008) ilustram tal pauta vocálica como em (1), abaixo:

(1) [a, ɛ, e, i, o, ɔ, u] >> [a, ɛ ~ e ~ i, i, o ~ ɔ ~ u, u] >> [a, i, u]

Sílabas tônicas >> Sílabas pretônica >> Sílabas postônicas

Os estudos sobre as variações nas produções dialetais das vogais médias em posição pretônica do PB acontecem desde Câmara Jr. (1970), passando por autores como Bisol (1981), Viegas (1987 e 2001), Oliveira (2006), Lee e Oliveira (2003 e 2006) entre outros. Os falantes do PB podem apresentar variações de produção das vogais médias pretônicas inter e intradialetos, como descrito por Lee e Oliveira (2003). As variações intradialetais podem ser resultado da aplicação variável de regras fonológicas do PB como a harmonização e o alçamento vocálico. Já as variações interdialetais são características, em sua maioria, de falares regionais, e exercem um papel de identidade entre os falantes de uma mesma comunidade linguística.

Com relação às variações de produção de segmentos consonantais, há ampla descrição na literatura dos processos de palatalização das oclusivas alveolares [t, d] diante do fonema /i/ e da palatalização das fricativas alveolares [s, z] em posição pós-vocálica.

Monaretto e colegas (2001) descrevem diferentes visões do processo assimilatório de palatalização das oclusivas alveolares no PB e afirmam que esse fenômeno linguístico ocorre em regiões diversas do Brasil. Na mesma direção, a palatalização das fricativas alveolares em posição pós-vocálica caracteriza os falares de determinadas regiões do país. Callou e colegas (1994 apud MONARETTO ET AL, 2001) examinaram a realização do /s/ pós-vocálico nos falares de cinco capitais do Brasil. Os pesquisadores encontraram uma predominância da pronúncia alveolar nas cidades de São Paulo e Porto Alegre, a predominância da pronúncia palatalizada no Rio de Janeiro e Recife e a alternância entre as duas realizações na cidade de Salvador.

Tendo em vista que tais variações dialetais fonético-fonológicas são marcas regionais que constituem parte da identidade linguística de comunidades de falantes, nossa pesquisa investiga a ocorrência ou não dessas marcas regionais nos falares de estrangeiros que possuem o PB como língua de herança.

### 3. Metodologia

A pesquisa que deu origem a este artigo teve como propósito verificar se, na aprendizagem de PLH na fase adulta, os falantes produzem traços fonéticos/fonológicos compatíveis com a produção de falantes do PB como L1 e correspondentes à variedade da língua a que foram expostos na primeira infância, quando ela é diferente daquela dos professores que lhes forneceram a educação formal. Como método, empregamos um protocolo investigativo dividido em duas etapas. Na primeira, aplicamos um questionário a fim de obter informações sobre a relação das participantes com a língua portuguesa. Na segunda etapa, fizemos uma entrevista orientada com o objetivo de registrar a pronúncia das participantes de

palavras, frases e expressões escolhidas previamente. Essa escolha foi orientada pela presença dos segmentos investigados.

### 3.1 Participantes

Nesta pesquisa temos duas participantes, ambas norte-americanas, com ao menos um dos pais brasileiro. Elas têm, assim, o PB como LH. Ambas foram expostas, depois de adultas, à instrução formal de língua portuguesa por uma mesma professora de origem havaiana.

Chamaremos de Informante 1 a falante de 22 anos, graduada, filha de mãe norte-americana, de Ohio, e de pai brasileiro, de Minas Gerais. Nascida na Califórnia, a falante relatou que o contato com a língua se deu desde quando era bebê, pois os pais gostavam de falar com ela apenas em português e, às vezes, ela e o pai ainda se comunicam usando essa língua. Com os parentes brasileiros, ela se comunica apenas em português, uma vez que eles não falam inglês. A falante também relatou que já esteve no Brasil três vezes: quando era bebê, por um período de dois anos; aos 15 anos, por um mês; e aos 20 anos, por três meses. Além desse contato com a língua portuguesa, a falante informou ter estudado formalmente a língua com uma professora de origem havaiana, por um breve e descontínuo período de dois meses em 2014, e por três meses em 2015.

A Informante 2, de 20 anos, graduanda, nasceu no Colorado e é filha de mãe brasileira, de Alagoas, e de pai norte-americano, da Califórnia. A língua usada em casa, segundo ela, é predominantemente o inglês, mas a mãe ocasionalmente fala português com ela a fim de ajudá-la a praticar. Além disso, a falante relatou vir ao Brasil todo ano, durante o recesso das festas de fim de ano, desde que nasceu, e usar a língua com os parentes e amigos brasileiros sempre que está no país. O estudo formal dessa informante se deu por apenas um mês, no início da faculdade, em 2015, com a mesma



professora da Informante 1. De acordo com ela, esse estudo a auxiliou nas habilidades de ler e escrever.

No questionário, ao responderem à pergunta referente à língua materna, ambas responderam: inglês e português. Portanto, elas se consideram bilíngues. Sobre as habilidades na língua portuguesa, as duas se consideram aptas a ler, escrever, ouvir e falar. Também relataram que, além do contato com parentes brasileiros, elas mantêm vínculo com a língua através de filmes, músicas e interações com amigos brasileiros. Por fim, ambas as informantes demonstraram reconhecer a importância do aprendizado de português e da língua propriamente dita em suas vidas pelo caráter identitário e por ser por meio dela que estabelecem contato com a família.

### 3.2 *Corpora*

Em virtude da distância geográfica, não foi possível realizar gravações em laboratório com as participantes, o que pode ter diminuído a acurácia dos dados. Por isso, os *corpora* foram obtidos através de chamadas de vídeo on-line, e as gravações, realizadas por meio de um gravador digital de alta sensibilidade, de modo a tentar garantir uma boa qualidade dos dados e a assegurar a fidelidade dos registros.

Para a etapa da entrevista, produzimos um protocolo de interação no programa *PowerPoint*, que continha frases e imagens de contextualização. Foram 25 frases no total, contendo as palavras portadoras dos fones a serem analisados. As frases analisadas continham palavras com as vogais médias na posição pretônica, além de palavras com vogais médias nas sílabas tônicas, a fim de se obter um grupo controle. Justifica-se o critério de seleção de vogais médias na posição pretônica para analisar a variação dialetal, uma vez que são características de produção de falantes nativos do português brasileiro (PB), como vimos na seção 2.5.

Os itens de controle, na posição tônica, foram compostos por 13 palavras com a vogal anterior média-alta /e/; 17 com a vogal anterior média-baixa /ɛ/; 13 com a vogal posterior média-alta /o/; e 5 com a vogal posterior média-baixa /ɔ/. Os itens experimentais foram compostos pelas vogais médias na posição pretônica com 18 repetições da vogal anterior, representada pelo arquifonema /E/, e 19 da vogal posterior representada pelo arquifonema /O/ (CRISTÓFARO-SILVA, 2001). Dessa forma, conseguimos as repetições necessárias à análise sem causar fadiga às falantes e, conseqüentemente, distorções prosódicas (MIRANDA, 2012).

Ainda que tenha havido algum tipo de controle por parte das pesquisadoras na fala dos sujeitos da pesquisa, justifica-se o uso de protocolo de leitura, segundo Barbosa e Madureira (2015, p. 216), pela “maior liberdade para o desempenho da tarefa de produção de fala”, uma vez que as informantes foram orientadas para que lessem as frases em voz alta. Consideremos, então, o *corpora* do tipo de laboratório semiespontâneo, no qual “o controle não é nulo, nem é total”, caracterizado por ser aquele em que há “estratégias que possam levar os sujeitos da pesquisa a produzir aqueles eventos que o pesquisador deseja analisar”, embora também tenha havido o cuidado com “as variáveis que pudessem interferir na confiabilidade das medidas a serem efetuadas” (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 216-217).

#### 4. Resultados: análise perceptiva das produções em PLH

Como resultado da análise perceptiva dos dados<sup>4</sup>, observa-se presente na produção das falantes características fonéticas gerais do PB, bem como características fonéticas mais específicas da variedade dialetal a qual foram expostas na primeira infância, conforme descrito nos quadros 1 e 2. Destaca-se que nossa análise foi feita tendo como parâmetro descrições gerais das características

---

<sup>4</sup> A análise perceptiva dos dados foi feita de oitiva pelas pesquisadoras e autoras deste artigo e, em caso de dúvidas, realizadas análises acústicas com o uso do programa PRAAT (BOERSMA; WEENICK, 2008).

fonéticas do português brasileiro, como as apresentadas na seção 2.5 deste artigo. Em uma próxima fase da pesquisa, temos a intenção de coletar dados com falantes nativos das variedades em estudo, utilizando a mesma metodologia para termos dados semelhantes do ponto de vista dos contextos fonéticos, e compará-los aos dados das falantes de PLE.

Quadro 1 – Características fonéticas gerais do PB.

Características fonéticas gerais do português brasileiro	Ocorrência na fala das participantes
Redução vocálica em sílabas átonas ou postônicas finais	<p><b>e (vogal átona ou postônica):</b>  <b>item: 'hoje'</b>            Inf. 1 (PLH-MG): [ˈoʒɪ]            Inf. 2 (PLH-AL): [ˈoʒɪ]</p> <p><b>o (vogal átona ou postônica):</b>  <b>item: 'suco'</b>            Inf. 1 (PLH-MG): [ˈsukʊ]            Inf. 2 (PLH-AL): [ˈsukʊ]</p> <p><b>no (preposição):</b>            Inf. 1 (PLH-MG): [nʊ]            Inf. 2 (PLH-AL): [nʊ]</p> <p><b>do (preposição):</b>            Inf. 1 (PLH-MG): [dʊ]            Inf. 2 (PLH-AL): [dʊ]</p>
Boa produção de ditongos nasais	<p><b>não</b>            Inf. 1 (PLH-MG): [nẽʊ]            Inf. 2 (PLH-AL): [nẽʊ]</p> <p><b>mãe</b>            Inf. 1 (PLH-MG): [mẽi]            Inf. 2 (PLH-AL): [mẽi]</p> <p><b>muito</b>            Inf. 1 (PLH-MG): [ˈmũitʊ]            Inf. 2 (PLH-AL): [ˈmũitʊ]</p> <p><b>em</b>            Inf. 1 (PLH-MG): [ẽ:i]            Inf. 2 (PLH-AL): [ẽ:i]</p>

Ditongação em posição tônica	<p><b>três</b> Inf. 1 (PLH-MG): [ˈtre:ɪz] Inf. 2 (PLH-AL): [ˈtre:ɪz]</p> <p><b>dez</b> Inf. 1 (PLH-MG): [ˈdɛ:ɪz] Inf. 2 (PLH-AL): [ˈdɛ:ɪz]</p> <p><b>português</b> Inf. 1 (PLH-MG): [portuˈge:ɪz] Inf. 2 (PLH-AL): [portuˈge:ɪz]</p>
------------------------------	--

Fonte: elaborado pelas autoras.

Quadro 2 – Características fonéticas específicas das variedades dialetais do PB.

Características fonéticas mais específicas da variedade dialetal correspondente ao PB como LH	Ocorrência na fala das participantes
Palatalização das oclusivas alveolares	<p><b>dia</b> Inf. 1 (PLH-MG): [dʒɪɐ] Inf. 2 (PLH-AL): [diɐ]</p> <p><b>sete</b> Inf. 1 (PLH-MG): [ˈsɛtʃi] Inf. 2 (PLH-AL): [ˈsɛtʃi]</p>
Abaixamento ou não das vogais médias anteriores na posição pretônica	<p><b>menina</b> Inf. 1 (PLH-MG): [miˈninɐ] Inf. 2 (PLH-AL): [meˈninɐ]</p> <p><b>melão</b> Inf. 1 (PLH-MG): [meˈlɐũ] Inf. 2 (PLH-AL): [meˈlɐũ]</p> <p><b>bebendo</b> Inf. 1 (PLH-MG): [beˈbɛdɔ] Inf. 2 (PLH-AL): [beˈbɛdɔ]</p> <p><b>dezembro</b> Inf. 1 (PLH-MG): [deˈzɛbrɔ] Inf. 2 (PLH-AL): [deˈzɛbrɔ]</p>

Abaixamento ou não das vogais médias posteriores na posição pretônica	<p><b>modelo</b> Inf. 1 (PLH-MG): [mo'delɔ] Inf. 2 (PLH-AL): [mɔ'delɔ]</p> <p><b>comida</b> Inf. 1 (PLH-MG): [ko'midɐ] Inf. 2 (PLH-AL): [ko'midɐ]</p> <p><b>comigo</b> Inf. 1 (PLH-MG): [ko'migɔ] Inf. 2 (PLH-AL): [ko'migɔ]</p> <p><b>dormindo</b> Inf. 1 (PLH-MG): [dur'mĩdɔ] Inf. 2 (PLH-AL): [dor'mĩdɔ]</p> <p><b>gosto</b> Inf. 1 (PLH-MG): ['gɔstɔ] Inf. 2 (PLH-AL): ['gɔʃtɔ]</p>
Palatalização da fricativa alveolar em posição de coda	<p><b>Estudei</b> Inf. 1 (PLH-MG): [istu'dei] Inf. 2 (PLH-AL): [iʃtu'dei]</p>

Fonte: elaborado pelas autoras.

Observa-se, no Quadro 2, alguns fenômenos relevantes a serem comentados. As vogais médias, representadas pelos arquifonemas /E/ e /O/ em posição pretônica, sofrem variação dialetal regional, em “melão” e “modelo”, por exemplo. Com /S/ em posição pós-vocálica também ocorre variação dialetal, quando na produção da Informante 2 ocorre a palatalização da fricativa em [iʃtu'dei]. No Quadro 1, observamos que as vogais nasais, que são um ponto de diferença fonética entre o português (LH) e o inglês (LM), são caracterizadas pela pronúncia semelhante à de um falante nativo. A palatalização de /d/ diante de /i/ ocorre na produção da falante que herdou o PB da região de Minas Gerais, já a produção da falante do PB da região de Alagoas apresenta uma alternância entre a ocorrência da africada alveopalatal [dʒ] e a oclusiva alveolar [d], que é a pronúncia mais típica da região nordeste do Brasil. O /e/ e o /o/ em posição postônica ou como vogais em sílabas átonas sofrem redução na produção de ambas as informantes, o que confere com as características fonéticas

gerais de falantes nativos do PB (Quadro 1). Outra produção interessante que demonstra a habilidade fonética das falantes com o PB é a ditongação do núcleo da sílaba tônica seguido de /S/ pós-vocálico. A inserção de uma semivogal alta nessa posição é característica geral dos falares do PB (Quadro 1).

Os dados encontrados e discutidos aqui parecem demonstrar a capacidade das participantes de produzir foneticamente sons relativos à variedade herdada. Essa capacidade está relacionada à memória processual, ou seja, ao armazenamento de habilidades aprendidas por meio de repetições padronizadas (IZQUIERDO ET AL, 2013).

## 5. Considerações finais

Apesar de preliminares, as análises perceptivas do presente estudo executadas até o momento convergem para a hipótese aqui levantada. As participantes apresentam fortemente características de fala do português falado por um nativo brasileiro. Inclusive, há indícios fonéticos na fala das participantes da memória auditiva/processual da variedade do PB adquirida na primeira infância, ainda no contato familiar. Pretendemos, em uma próxima fase desta pesquisa, analisar acusticamente a qualidade fonética das vogais médias e comparar as produções das participantes com a produção de falantes nativos das variedades em estudo.

Ao longo da aplicação do protocolo de pesquisa, foi observado que, à medida em que as participantes se sentiam mais à vontade com a tarefa, as características da variedade regional emergiam na sua fala, mostrando o aspecto afetivo da LH.

Esses achados têm relevância potencial para a pedagogia das línguas de herança, seja pela contribuição para a criação de estratégias didáticas a fim de evocar o que chamamos de memória fonético-fonológica, seja a fim de acessar e exercitar essa memória com o objetivo de melhorar o aproveitamento do aluno/aprendiz. De todo modo, consideramos que a valorização das bagagens do aluno de PLH é um fator de estímulo à sua aprendizagem que deve ser explorado no processo de ensino.

## Referências Bibliográficas

BADDELEY, A; ANDERSON, M. C.; EYSENCK, M. W. M. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BARBOSA, P. A., MADUREIRA, S. **Manual de Fonética Acústica Experimental**. Aplicações a Dados do Português. São Paulo SP: Cortez Editora. 2015.

BISOL, L. **Harmonização vocálica**: uma regra variável. 1981. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1981.

BOERSMA, P.; WEENICK, D. PRAAT: doing phonetics by computer (version: 5.3.22), 2008. Disponível em: <http://www.praat.org> Acessado em 28/09/2017.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. **A variação de /s, r/ em posição final de sílaba e os dialetos brasileiros**. 1994. (ms)

CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Editora Vozes. 1970.

CRISTÓFARO-SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 4ª Ed. São Paulo: Editora Contexto. 2001.

CUMMINS, J. **Heritage language education**: a literature review. Toronto, ON: Ministry of Education, 1983.

DAVIES, A. **The Native Speaker**: myths and reality. Multilingual Matters, 2003.

DOI, E. T. Doi. **O ensino de japonês no Brasil como língua de imigração**. Estudos Lingüísticos. XXXV, p. 66-75, 2006. Web.

FLORES, C.; MELO-PFEIFER, S. O conceito “Língua de Herança” na perspectiva da Linguística e da Didática de Línguas: considerações pluridisciplinares em torno do perfil linguístico das crianças luso descendentes na Alemanha. **Domínios de Lingu@Gem**. v. 8, n. 3, 2014. P. 16-45. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>. Acessado em 28/09/2017

IZQUIERDO, I. **Memória**. 2a Ed. Porto Alegre: ARTMED Editora. 2011.

IZQUIERDO, I. et al. Memória: tipos de mecanismos-achados recentes. **Revista USP**, São Paulo, n. 98, p. 12, 2013.



KRASHEN, S. **Principles and practices in second language acquisition**. Oxford: Pergamon Press, 1982.

LEE, S.-H.; OLIVEIRA, M. A. Variação Inter- e Intra-Dialetal no Português Brasileiro: Um Problema para a Teoria Fonológica. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Teoria Lingüística: fonologia e outros temas**. João Pessoa. 2003. p. 67-91.

LEE, S.-H.; OLIVEIRA, M.A. Phonological theory and language variation in BP mid vowels. **Proceedings of the Seoul International Conference on Linguistics**. Seoul, Korea. 2006. p. 298-306.

LICO, A. L. C. Ensino do Português como Língua de Herança: Prática e Fundamentos. **Revista SIPLE**. Brasília, 2011. Ano 2, Número 1. Disponível em: [http://www.siple.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=177:2-ensino-do-portugues-como-lingua-de-heranca-pratica-e-fundamentos&catid=57:edicao-2&Itemid=92](http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=177:2-ensino-do-portugues-como-lingua-de-heranca-pratica-e-fundamentos&catid=57:edicao-2&Itemid=92) Acessado em 28/09/2017.

LUK, J. C. M.; LIN, A. M. Y. The Native-Speaking English Teachers in the Global ELT Industry. In: **Classroom Interactions as Cross-Cultural Encounters: native speakers in ESL lessons**. New Jersey. Routledge, 2007. P. 21-32.

MIRANDA, I. N. **Análise Acústico- Comparativa de Vogais do Português Brasileiro com vogais do Inglês Norte-Americano**. Vitória, 2012. 147p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo.

MONARETTO, V. N. O.; QUEDNAU, L. R.; HORA, D. As consoantes do Português. In: BISOL, L. (Org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3a Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001. p. 195-228.

OLIVEIRA, K. C. S.; LEITE, M. A.; SILVA, P. C. D. Memória. **CADERNOS CESPUC**, nº 23, Belo Horizonte, 2013. P 19-29.

OLIVEIRA, M. A.; LEE, S.-H. Variação Lingüística, Teoria Fonológica e Difusão Lexical. **ACTAS DO XV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALFAL**. Montevideo, Uruguay. Formato CD. ISBN 978-9974-8002-6-7. 2008.

OLIVEIRA, M. A. **Variação lingüística e problemas para uma teoria fonológica**. ANPOL. São Paulo. 2006.

PENNYCOOK, A. **The Cultural Politics of English as an International Language**. Routledge. Vol. III, nº 3. Outubro, 1995. P. 21-23.

RAMPTON, B. H. Displacing the "native speaker": expertise, affiliation and inheritance. **ELT JOURNAL**. Volume 44, nº 2. April, 1990. P. 97-101. <https://doi.org/10.1093/eltj/44.2.97>

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.) **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.

SCHLATTER, M; GARCEZ, P. M. Línguas Adicionais (Espanhol e Inglês). In: Rio Grande do Sul, Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico. (Orgs.). **Referências curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagem, códigos e suas tecnologias**. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, 2009, v. 1, p. 127-172.

SOUZA, A.; BARRADAS, O. Português como língua de herança: políticas linguísticas na Inglaterra. **REVISTA SIPLE**. Brasília, 2013. Ano 4, Número 1. Disponível no link: [http://www.siple.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=297:portugues-como-lingua-de-heranca-politicas-linguisticas-na-inglesa&catid=69:educacao-6&Itemid=112](http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=297:portugues-como-lingua-de-heranca-politicas-linguisticas-na-inglesa&catid=69:educacao-6&Itemid=112) Acessado em 28/09/2017.

SPINASSÉ, K. P. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **CONTINGENTIA**, Vol. 1, novembro 2006, Web. 20 Fev 2016.

VIEGAS, M. C. **Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 1987.

\_\_\_\_\_. **O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2001.

WEISS, D. B. **Conversação em aula de português para estrangeiros**. Niterói, 2007. Tese de doutoramento. Disponível no repositório de teses da UFF: [http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde\\_arquivos/23/TDE-2006-07-10T123150Z-202/Publico/Denise%20Weiss-tese.pdf](http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2006-07-10T123150Z-202/Publico/Denise%20Weiss-tese.pdf). Acessado em 28/09/2017.

WEISS, D. B. Português como língua de herança: o papel da memória no uso de variantes fonéticas. In: GONÇALVES, L. (org.). **Português como Língua Estrangeira**,

**de Herança e Materna:** abordagens, contextos e práticas. Boavista Press. New Jersey, 2017. p. 95-104.

Artigo recebido em: 04.10.2017

Artigo aprovado em: 19.02.2018

## Anexos

### Parte I - Protocolo de Interação Orientada

As frases a seguir foram apresentadas às participantes em conjunto com imagens motivadoras.

1. Roberta gosta muito de melancia, banana, acerola e melão.
2. A menina plantou os morangos em agosto e colheu em dezembro.
3. Marcelo toma suco de acerola com groselha.
4. Fui na feira e comprei: banana, melancia, acerola, groselha, melão e morango.
5. Fui no supermercado e esqueci a lista de compras em casa.
6. Crianças não precisam de aulas de matemática para aprender a contar: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove e dez.
7. Marcelo é muito romântico e escreveu um poema para sua namorada Roberta.
8. O poema de Marcelo se chama: O amor dentro do coração.
9. Marcelo deu um sapato de salto alto para Roberta.
10. Roberta esqueceu a bolsa e o cachecol no carro de Marcelo.
11. Meu namorado me deu um brinco de coração.
12. Vou viajar em setembro para o Brasil e vou conhecer o Rio de Janeiro e Manaus.
13. Bebi vitamina de banana em Manaus.
14. Meus meses favoritos são: janeiro, agosto, setembro e novembro.
15. A comida da minha mãe é muito gostosa. O arroz com feijão que ela faz é o mais gostoso do mundo.

16. Hoje à tarde, esquentei a comida do jantar.
17. Descrever uma foto de mulher usando bolsa, cachecol e salto alto.
18. A modelo está usando: bolsa, cachecol e salto alto.
19. Roberta nasceu no dia seis de novembro de 2003.
  
20. *E você?*  
*Inf 1: Dia dois de dezembro de 1994.*  
*Inf 2: Dia sete de outubro de 1996.*
21. Meus colegas vão estudar Português comigo no dia 10 de agosto.
22. Estudei até tarde para a prova de Português.
23. A menina tinha aulas de português todas as tardes.
24. Dizer o nome do país e descrever as cores das bandeiras.  
*(Brasil, EUA, França, México)*

## Parte II - Protocolo de coleta de dados entoacionais de sentenças

Foi pedido às participantes que descrevessem as imagens cuja descrição está abaixo:

1. Declarativas
  - 1.1 Imagem de mulher bebendo suco de laranja. *(Resposta Esperada: Ela bebe suco ou Ela está bebendo suco)*
  - 1.2 Imagem de menino deitado no chão lendo um livro. *(Resposta Esperada: Ele lê um livro ou Ele está lendo um livro)*
  - 1.3 Imagem de menina deitada de olhos fechados abraçada a um ursinho. *(Resposta Esperada: Ela está dormindo ou Ela dorme)*

Neste segundo momento, as participantes visualizavam imagens, ouviam a leitura da apresentação das situações e respondiam ao que era pedido.

## 2. Interrogativas

2.1 Você está atrasada para pegar um ônibus e esqueceu seu relógio em casa. Então você encontra uma pessoa de relógio na rua, perto da estação de ônibus e quer checar se ainda dá tempo de pegar o ônibus. O que você pergunta para a pessoa com o relógio? (*Resposta Esperada: Que horas são?*)

2.2 Você encontra uma amiga e ela está tremendo...o clima não está bom... o que você pergunta para ela? (*Resposta Esperada: Você está com frio?*)

2.3 Você e sua amiga vão para casa e, para aquecê-la, você lhe oferece um chocolate quente. Como você lhe pergunta se ela quer a bebida? (*Resposta Esperada: Você quer/aceita um chocolate quente?*)

## 3. Exclamativas

3.1 Você vê um homem apressado se aproximando de um buraco aberto na rua. O que você diz a ele? (*Resposta Esperada: Cuidado com o buraco!*)

3.2 Você recebe rosas no seu aniversário e você realmente adora o cheiro que elas têm! O que você diz quando cheira as flores? (*Resposta Esperada: Humm... adoro o perfume/o cheiro das rosas!*)

3.3 Você descobre que sua amiga recém-casada está grávida. Você fica muito feliz por ela e a parabeniza. O que você diz a ela? (*Resposta Esperada: Parabéns! Você vai ter um bebê!*)